



Eleição na Colômbia entra no radar de Lula

Após tensão entre o Planalto e a Casa Branca, especialistas temem possível interferência de Trump no pleito brasileiro

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) vai acompanhar com atenção a apuração dos votos no segundo turno das eleições na Colômbia, realizadas hoje. O pleito será definido entre o filósofo progressista Iván Cepeda, apoiado pelo atual presidente da Colômbia, Gustavo Petro, e o empresário de ultradireita Abelardo de la Espriella, um outsider que recebeu o apoio direto do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Na Colômbia, a direita venceu o primeiro turno, em maio, por uma margem estreita (43,7% contra 40,9%, de Cepeda). Um dos principais discursos de Abelardo de la Espriella é o fortalecimento da segurança pública e o combate a grupos criminosos. Essas bandeiras ecoam em meio ao fato de Petro, apoiador de Cepeda, ter tentado negociar o desarmamento de grupos ligados à guerrilha. Tentativas essas que, no entanto, acabaram com o fortalecimento de organizações criminosas como o grupo colombiano chamado Clá do Golfo.

O contexto que embasa qual candidato os eleitores colombianos vão escolher para os próximos quatro anos, segundo interlocutores do Planalto, é analisado sob a perspectiva de calcular se o endosso de Trump ao postulante direita Abelardo Espriella terá efeitos em possíveis apoios dos EUA a algum candidato da oposição nas eleições brasileiras, como Ronaldo Caiado (PSD-GO), Romeu Zema (Novo-MG), ou Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Recado direto no G7

Essa avaliação também ocorre em meio à fervura diplomática entre Lula e Trump. Semana passada, durante a Cúpula do G7, em Évian-les-Bains, na França, o líder norte-americano subiu o tom contra o Brasil ao classificar o país como “um pouco perigoso politicamente”. Ele também criticou o Poder Judiciário brasileiro ao mencionar,

de forma equivocada, que o filho do ex-presidente Jair Bolsonaro tinha sido preso.

A reação do presidente Lula veio de forma imediata, em entrevista coletiva realizada na Cúpula do G7. “Por mim, ele [Trump] pode continuar gostando do Bolsonaro — do pai, do filho, do neto. Não tenho nenhum problema. É um problema dele. Afinal de contas, gosto não se discute. Agora, não se meta nas eleições no Brasil”, disparou o presidente brasileiro. Essas declarações foram dadas ao mesmo tempo em que Donald Trump concedia a coletiva no G7.

Lula ainda sugeriu que os EUA poderiam aprender com a agilidade do sistema de votação eletrônica brasileiro, afirmando que cogita levar uma urna eletrônica para mostrar aos eleitores norte-americanos o funcionamento de uma eleição. Dias após o embate entre Lula e Trump no G7, o líder norte-americano chamou o brasileiro de “muito volátil” e disse não se importar com o petista.

Sinais de alerta

Fontes ligadas ao Planalto afirmam que o governo não descarta uma tentativa de interferência no processo eleitoral brasileiro por parte do presidente norte-americano. O apoio de Trump ao candidato colombiano Espriella ocorreu na mesma semana em que os Estados Unidos classificaram as facções criminosas brasileiras Primeiro Comando da Capital (PCC) e Comando Vermelho (CV) como organizações terroristas. A situação teria acendido um possível sinal de alerta.

Essa classificação também ocorreu dias após o pré-candidato do PL, Flávio Bolsonaro, ter visitado Donald Trump na Casa Branca, no final de maio. O anúncio da inclusão das facções na legislação norte-americana foi celebrado por Flávio, que à época definiu o momento como um “grande dia”.

Uma das interpretações do Planalto a respeito dessa relação — entre o pré-candidato Flávio e Trump — foi a de que o presidente dos Estados Unidos agiu para resgatar um

Roberto Stuckert Filho/PR



Apoio de Trump a candidato da direita colombiana e tensão diplomática entre Brasil e EUA acendem alerta no Palácio do Planalto



A política externa norte-americana tem buscado de maneira muito assertiva arregimentar aliados regionais através da polarização ideológica

Rejane Bressan,
professora de relações internacionais da Unifesp

opositor político de Lula que perdia popularidade por causa do escândalo do vazamento do áudio em que Flávio Bolsonaro pedia R\$ 134 milhões ao banqueiro Daniel Vercara para financiar o filme *Dark Horse*, que pretende contar a história do seu pai, o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Aliados regionais

De acordo com a professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Rejane Bressan, o apoio de Donald Trump ao candidato de oposição a Gustavo Petro mostra que os Estados Unidos querem aliados regionais na América do Sul.

“A política externa norte-americana tem buscado de maneira muito assertiva arregimentar aliados regionais através da polarização ideológica”, disse. Para a

especialista, há “muita analogia entre a Colômbia e o pleito brasileiro”. “A recente projeção do Trump ao lado do Flávio Bolsonaro, somada à convergência discursiva entre os setores conservadores brasileiros e a atual administração dos Estados Unidos, a meu ver, vem sugerindo que o Brasil não está imune a essa lógica de interferência”, argumentou.

IA nas eleições

O uso da inteligência artificial para produzir conteúdos nas redes sociais preocupa especialistas. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) criou, na semana passada, uma comissão permanente destinada a sistematizar iniciativas relacionadas ao uso de IA com foco no combate à desinformação e à disseminação

de notícias falsas nas eleições.

O TSE também aprovou resoluções que proíbem o uso da IA para publicações e impulsionamentos pagos de conteúdos produzidos ou alterados por IA nas 72 horas antes do pleito — com primeiro turno previsto para 4 de outubro — e nas 24 horas depois das eleições.

Na avaliação de Deividi Lira, especialista em marketing político e organização de campanha eleitoral, as resoluções do TSE sobre o uso de IA nas eleições ainda carecem de informações.

“A efetividade dessa medida dependerá de uma atuação conjunta entre Justiça Eleitoral, plataformas digitais, equipes de monitoramento e denúncias feitas pelos próprios usuários ou por partidos políticos”, argumentou.

» Leia mais na página 9

Datafolha: Presidente lidera com 10 pontos sobre Flávio

» DANANDRA ROCHA

A menos de dois meses para o início oficial da campanha eleitoral, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) segue na liderança pela disputa ao Palácio do Planalto. A projeção foi divulgada ontem pelo Datafolha e indica estabilidade no cenário eleitoral. O estudo também revela que o senador Flávio Bolsonaro (PL), principal nome da oposição, conseguiu interromper a perda de apoio observada após a repercussão do caso conhecido como *Dark Horse*.

No cenário considerado mais provável para o primeiro turno, Lula aparece com 41% das intenções de voto, enquanto Flávio registra 31%. Os números repetem, dentro da margem de erro de dois pontos percentuais, o quadro observado na rodada anterior da pesquisa. O levantamento ouviu 2.004 pessoas em 139 municípios e está registrado no Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

A sondagem foi realizada nos dias 17 e 18 de junho, período em que novos desdobramentos do escândalo envolvendo o Banco Master passaram a atingir, também, integrantes da base governista. A operação da Polícia Federal que teve como alvo o líder do governo no Senado, Jaques Wagner (PT-BA), ocorreu justamente durante a coleta dos dados, o que pode ter limitado a percepção dos eleitores sobre o episódio.

Na disputa direta entre Lula e Flávio em um eventual segundo turno, o cenário também permaneceu inalterado. O presidente aparece com 47% das intenções de voto, contra 43% do senador. O resultado mantém a vantagem do petista, mas indica uma disputa mais apertada do que a observada após a divulgação do caso *Dark Horse*.

O levantamento mostra ampla vantagem de Lula na pesquisa espontânea, quando os entrevistados não recebem uma lista de candidatos. Nesse cenário, o presidente

Foto: Ricardo Stuckert / PR



Na pesquisa espontânea, diferença entre candidatos é de 13 pontos

é citado por 30% dos eleitores, enquanto Flávio soma 17%.

A pesquisa também testou confrontos entre Lula e outros possíveis candidatos de oposição. Em

uma disputa contra o ex-governador de Goiás Ronaldo Caiado (PSD), o presidente venceria por 47% a 41%. Já diante do ex-governador de Minas Gerais Romeu

Zema (Novo), Lula alcançaria 48%, contra 39% do adversário.

Apesar da liderança, o levantamento acende um sinal de alerta. O governo ainda não conseguiu converter em ganhos expressivos de popularidade medidas consideradas estratégicas para a campanha, como o pacote de crédito e subsídios anunciado nos últimos meses e a defesa do fim da escala de trabalho 6x1, aprovado pela Câmara dos Deputados.

Rejeição

Os dados também revelam que a rejeição aos dois principais candidatos permanece elevada. Flávio Bolsonaro é rejeitado por 48% dos entrevistados, enquanto Lula registra 46%, configurando empate técnico dentro da margem de erro.

A segmentação do eleitorado reforça tendências já observadas em levantamentos anteriores. Lula mantém vantagem entre os eleitores de menor renda, moradores do

Nordeste, pessoas pretas e segmentos ligados à diversidade sexual. Flávio, por sua vez, apresenta melhor desempenho entre empresários, eleitores de renda mais alta, evangélicos e moradores da Região Sul.

Entre as mulheres, Lula também conserva uma vantagem significativa. Em uma eventual segunda etapa da disputa, o presidente alcança 52% das intenções de voto nesse grupo, contra 37% do senador. O dado ajuda a explicar os esforços da equipe de Flávio para ampliar sua presença entre o eleitorado feminino.

O Datafolha ainda investigou a avaliação retrospectiva da eleição de 2022. Os resultados indicam baixa taxa de arrependimento entre os eleitores que escolheram Lula ou Jair Bolsonaro naquele pleito. Entre os votantes do atual presidente, 91% afirmam manter a mesma escolha. Entre os apoiadores do ex-presidente, o índice sobe para 93%.